



Projeto AFIRMASUS

Dados básicos da proposta da IES

1. Nome do projeto: Promoção da Diversidade, Comunicação e Inovação em Saúde (Diversidade ComSaúde)

2. Indique quais são as populações de interesse do programa que ingressaram na IES por meio de ações afirmativas:

O público-alvo do projeto é formado por estudantes ingressantes na universidade por meio das reservas de vagas das políticas de ações afirmativas, contemplando pessoas negras (pretas e pardas), povos indígenas, pessoas com deficiência, pessoas surdas, pessoas trans e travestis, estudantes de baixa renda oriundos de escolas públicas e integrantes de comunidades tradicionais como os quilombos Kalunga, na região de Cavalcante e Vargem Grande Muquém em Niquelândia, além dos territórios dos povos indígenas que possuem significativa presença entre os estudantes da universidade, como os Xavante, Karajá, Bororo, Xerente, Krahô, Guajajara e Kayabi e outros.

3. Quais os cursos de graduação na área da saúde ativos na IES?

(X) Ciências Biológicas

(X) Biomedicina

(X) Educação Física

(X) Enfermagem

(X) Farmácia

(X) Fisioterapia

() Fonoaudiologia

(X) Medicina

(X) Medicina Veterinária

(X) Nutrição

(X) Odontologia

☒ (X) Psicologia

☐ () Saúde Coletiva

☒ (X) Serviço Social

☐ () Terapia Ocupacional

4. O projeto prevê articulação com movimentos sociais e populares:

(X) sim. O projeto já possui parceria firmada com movimentos importantes como a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) em Goiás e associações quilombolas, incluindo o Grupo de Mulheres Negras Malunga e Coletivo de Mulheres Quilombolas de Goiás, e Associações indígenas do Povo Boe (Associação Areme Meri Ari, Associação Areme, Associação Tugo Baigare, Associação Boe Boku Kejeuge). Além dessa articulação já feita, o presente projeto visa ampliar a articulação com coletivos estudantis, associações de pessoas com deficiência, pessoas surdas, organizações LGBTQIAPN+, conselhos de saúde, Coordenação Estadual de Articulação Quilombola de Goiás - COEAQGO entre outros.

☐ () não

5. O projeto prevê o desenvolvimento das ações em territórios de povos tradicionais ou originários?

(X) sim. Parte das ações será realizada em comunidades e territórios tradicionais nos quais a UFG mantém atuação histórica, como quilombos, aldeias indígenas e comunidades ribeirinhas, além de contemplar territórios de povos indígenas que têm significativa representatividade entre os estudantes da universidade. Nesses contextos, o desenvolvimento das atividades será articulado pela Rede Interinstitucional de Comunicação e Equidade em Saúde, concebida como espaço permanente de cooperação entre universidade, serviços do SUS, movimentos sociais e coletivos comunitários. Essa rede atuará como instância de planejamento, execução e avaliação das ações, assegurando que cada etapa seja construída de forma participativa, culturalmente situada e alinhada às necessidades locais.

As atividades compreenderão a realização de oficinas de educação popular em saúde, conduzidas com metodologias ativas e participativas, abordando temas como saúde mental,



direitos humanos, diversidade sexual e de gênero, relações étnico-raciais, ciência e cidadania, saberes tradicionais e letramento em saúde digital. Cada oficina será precedida por rodas de diálogo com lideranças locais, organizadas pela Rede, de modo a garantir escuta qualificada e adaptação dos conteúdos às realidades de cada comunidade.

O presente projeto prevê, também, a produção colaborativa de materiais comunicacionais culturalmente adaptados, elaborados com participação direta das comunidades e disseminados por canais acessíveis e de grande alcance local. Estão previstos cartilhas bilíngues (português e línguas indígenas), podcasts comunitários, vídeos em Libras e legendados, além de campanhas veiculadas em rádios locais e redes sociais geridas pelos próprios coletivos. A Rede também fará a validação desses materiais, de forma que reflitam tanto as diretrizes do SUS quanto os saberes tradicionais e populares, fortalecendo a legitimidade e a apropriação comunitária.

Por fim, será feita a integração ensino-serviço-comunidade, criando condições para que profissionais do SUS e lideranças comunitárias participem não apenas como público, mas como coformadores. Nesse sentido, o projeto prevê momentos de capacitação em comunicação inclusiva, letramento digital e estratégias de promoção da equidade em saúde, envolvendo equipes de UBS, RAPS e Núcleos de Educação Permanente em Saúde. Esses processos permitirão construir protocolos conjuntos, materiais de referência e metodologias replicáveis, garantindo impactos sustentáveis no cotidiano dos serviços.

Com esse arranjo, o projeto assegurará a consolidação de uma prática inovadora, em que a UFG, os serviços de saúde e os movimentos sociais atuam de forma corresponsável, promovendo a circulação de saberes, a democratização da informação e a redução das iniquidades em territórios vulnerabilizados e de baixa cobertura.

() não

6. O projeto prevê o desenvolvimento das ações em parceria com Serviços da rede municipal e/ou estadual de saúde e/ou Escolas de Saúde Pública?

(X) sim. O desenvolvimento das ações será viabilizado pela Rede Interinstitucional de Comunicação e Equidade em Saúde, que funcionará como eixo articulador entre a UFG, os serviços da rede municipal e estadual de saúde e as Escolas de Saúde Pública. Essa rede terá caráter metodológico e estratégico, organizando espaços permanentes de diálogo e



cooperação (em formato de reuniões periódicas, comitês técnicos e fóruns de acompanhamento) que permitirão planejar, executar e avaliar coletivamente cada etapa do projeto.

O presente projeto já conta com parcerias institucionais formalizadas com a Secretaria Estadual de Saúde de Goiás, por meio da Gerência de Atenção às Populações Específicas; a Secretaria Municipal de Saúde de Goiânia, por meio da Superintendência de Vigilância em Saúde; além de outras Secretarias Municipais de Saúde do estado, Unidades Básicas de Saúde, a Escola Estadual de Saúde de Goiás, Escolas Municipais de Saúde e Núcleos de Educação Permanente em Saúde. Essas instâncias serão incorporadas metodologicamente ao projeto como copartícipes da rede, participando da definição de prioridades, da validação dos produtos e da execução das ações em seus territórios.

As atividades serão desenvolvidas de modo integrado ao cotidiano dos serviços, priorizando metodologias colaborativas. Serão ofertadas oficinas de educação permanente para profissionais do SUS, planejadas e ministradas conjuntamente por docentes, estudantes, técnicos dos serviços e representantes da comunidade; campanhas de comunicação cocriadas com profissionais e lideranças comunitárias, de modo a refletir as demandas locais e utilizar canais de comunicação já existentes, como rádios comunitárias e redes sociais institucionais; e a produção de materiais educativos e protocolos será realizada em grupos de trabalho interinstitucionais, assegurando validação técnica e cultural.

A rede possibilitará ainda a capacitação dos profissionais de saúde, com foco em comunicação inclusiva, diversidade e saúde digital, bem como a construção de fluxos intersetoriais que garantam a utilização prática dos materiais produzidos. Essa dinâmica integrará universidade, serviços e comunidades em um mesmo ciclo de produção, uso e avaliação de ferramentas inovadoras em saúde.

Dessa forma, o arranjo metodológico da rede ampliará o alcance, a legitimidade e a sustentabilidade das iniciativas, fortalecendo vínculos institucionais e comunitários, e alinhando a atuação da UFG e de seus parceiros aos princípios e políticas do SUS.

() não

Descrição da proposta (duração do projeto deverá ser prevista para 24 meses)

7. Resumo (até 200 palavras);



O projeto Diversidade ComSaúde, da Universidade Federal de Goiás, assume como centralidade os eixos diversidade, comunicação e inovação, reafirmando o compromisso institucional com a equidade, a permanência estudantil e a transformação social. A proposta reconhece que estudantes ingressantes por ações afirmativas (negros(as), indígenas, quilombolas, pessoas trans, travestis, surdas, com deficiência e de baixa renda) ainda enfrentam barreiras estruturais que atravessam tanto a universidade quanto o SUS.

Para enfrentar essas iniquidades, o projeto pretende criar uma Rede Interinstitucional de Comunicação e Equidade em Saúde, articulando universidade, serviços de saúde e movimentos sociais em torno de práticas colaborativas e transformadoras. No centro dessa rede, a formação de Facilitadores da Comunicação e da Equidade em Saúde, protagonizados por estudantes das ações afirmativas, constituirá o motor do projeto, fortalecendo o protagonismo juvenil e a sustentabilidade das ações.

A diversidade será valorizada pela escuta das diferenças e pela incorporação de saberes tradicionais nos processos formativos. A comunicação e inovação serão potencializadas em produtos inovadores (podcasts, campanhas transmídia, kits educativos, protocolos inclusivos e plataforma digital acessível) que democratizarão informações e combaterão a desinformação, e no uso de metodologias ativas, no letramento digital em saúde e na articulação intercultural, interprofissional e interseccional.

8. Justificativa (Breve texto com as motivações para o desenvolvimento do projeto na IES pública)

O Sistema Único de Saúde (SUS) tem como princípios fundantes a universalidade, a equidade e a integralidade, mas enfrenta o desafio permanente de comunicar-se com uma sociedade marcada por desigualdades de gênero, raça, etnia, deficiência, classe social e território (Brasil, 1990; Machado, 2024). Nesse contexto, a comunicação em saúde é cada vez mais reconhecida como ferramenta estruturante para ampliar o acesso, reduzir iniquidades e fortalecer vínculos entre serviços de saúde, universidades e comunidades.

Essa perspectiva está expressa na Política Nacional de Informação e Informática em Saúde (PNIIS) e na Estratégia de Saúde Digital para o Brasil 2020–2028 (Portaria nº 3.632/2020), que destacam a importância da produção e circulação de informações culturalmente sensíveis, acessíveis e inovadoras como condição essencial para qualificar o cuidado e apoiar a gestão do SUS (Brasil, 2016; Brasil, 2020).

Vamos além, contudo, nesta proposta ao abordar não só a importância da informação no acesso à saúde, mas também o direito à comunicação para a construção de políticas

públicas. Isso porque partimos da perspectiva de uma comunicação dialógica para pensar e executar estratégias conjuntas entre estudantes e docentes das áreas da saúde e comunicação, bem como membros das comunidades mais afetadas pelas desigualdades sociais. Destacamos que *“o direito à comunicação não se dissocia do direito à saúde e da noção de cidadania”* (Silva Júnior; Gonçalves, 2022, p. 264). Isso significa compreender a comunicação como representação simbólica que pode promover tanto o silenciamento de determinados grupos sociais quanto sua visibilização enquanto sujeitos de direitos, participantes ativos da construção da vida em sociedade. Mais que difundir informações em saúde, é preciso pensar a comunicação enquanto espaço de identificação dos sujeitos com as mensagens construídas, de modo a evitar estereótipos sobre grupos socialmente minorizados. Daí decorre a necessidade de estratégias coletivas que promovam inovações não só tecnológicas, mas também em linguagens, formatos e metodologias, priorizando igualmente os saberes tradicionais na construção de tecnologias sociais para o enfrentamento de problemas coletivos.

No ambiente acadêmico, as desigualdades também refletem na vida de estudantes que ingressam por ações afirmativas — pessoas negras, indígenas, quilombolas, trans e travestis, pessoas com deficiência, pessoas surdas, de baixa renda e oriundas de escolas públicas — e que ainda enfrentam barreiras estruturais que comprometem sua permanência na universidade, sua saúde mental e sua visibilidade enquanto sujeitos de direitos (Piovesan, 2008; Heringer; Carreira, 2024). Nesse cenário, a inovação em comunicação em saúde assume papel importante em busca de democratizar a informação e valorizar a diversidade são dimensões inseparáveis para promover a equidade no SUS e sustentar a permanência estudantil, prevenindo a evasão e fortalecendo vínculos.

A presente proposta dialoga diretamente com esse contexto, ao oferecer processos formativos inovadores de comunicação e estratégias de cuidado que contribuem para o enfrentamento da evasão acadêmica e para a construção de ambientes universitários mais equitativos.

É relevante destacar que a Universidade Federal de Goiás (UFG) tem trajetória consolidada em políticas de ações afirmativas, garantindo o acesso de estudantes negros, indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, pessoas trans, travestis e de baixa renda ao ensino superior. De acordo com a plataforma Analisa da UFG, a universidade conta atualmente com 18.928 estudantes matriculados, dos quais 59% são oriundos de escolas públicas e 175 estudantes que se identificam com pessoas transgênero, refletindo o impacto das políticas de ações afirmativas no perfil discente. Em termos de diversidade étnico-racial,

estão matriculados 8.885 estudantes brancos, 8.820 negros (pretos e pardos), 478 indígenas e 241 quilombolas, segundo dados da Secretaria de Inclusão (SIN), por meio da Diretoria de Ações Afirmativas (DAAF, 2025). Esses números evidenciam a presença crescente de povos e comunidades tradicionais na universidade. Entre os quilombolas, destacam-se as comunidades Kalunga — especialmente Engenho II, Vão do Moleque, Vão de Almas, São Félix, Tingüizal e Riachão — além de comunidades como Flores Velhas e Nossa Senhora Aparecida. Nos cursos da área da saúde, estão matriculados aproximadamente 48 estudantes quilombolas, inseridos em formações estratégicas para o fortalecimento do SUS.

Com relação aos indígenas, observa-se ampla distribuição em diferentes cursos e unidades acadêmicas. As principais etnias presentes na instituição são Xavante (86), Karajá (55), Bororo (44), Xerente (35), Krahô (31), Guajajara (25) e Kayabi (20), compondo um quadro de grande diversidade étnica. Nos cursos da saúde, encontram-se 30 estudantes indígenas, matriculados em Medicina, Enfermagem, Odontologia, Farmácia, Nutrição, Fisioterapia e Biomedicina.

Associados a esse cenário, dados da PRAE revelam 1.084 auxílios ativos de permanência estudantil para estudantes ingressantes por ações afirmativas, distribuídos em programas de alimentação (526, sendo 507 isenções no Restaurante Universitário), moradia (162), apoio pedagógico (111), Bolsa Acolhe (274), além de auxílios emergenciais, de transporte e de alimentação regionais.

Essas informações demonstram que a UFG tem buscado enfrentar desigualdades históricas, garantindo não apenas o acesso, mas também condições concretas de permanência e êxito acadêmico. Ainda assim, persistem desafios relacionados à permanência acadêmica, à saúde mental e à superação de barreiras institucionais (Heringer; Carreira, 2024). A comunicação em saúde, aliada à saúde digital, é um recurso potente para enfrentar essas vulnerabilidades.

Para isso, a UFG conta com iniciativas que já dialogam diretamente com a proposta. Projetos como o PET Equidade, o PET Saúde Digital e o Sinalizar na Odonto: Comunicação que sorri — voltado para a atenção integral à saúde da pessoa surda na odontologia, articulando língua de sinais e cuidado em saúde — integram inovação, inclusão e produção de conhecimento com foco em populações historicamente vulnerabilizadas. Além dessas iniciativas, destacam-se programas institucionais estratégicos, como o Programa de Monitoria Acadêmica, a tutoria acadêmica e outros projetos de desenvolvimento acadêmico,

que fortalecem a permanência de estudantes beneficiários de ações afirmativas por meio de acompanhamento pedagógico e apoio tutorial.

No âmbito assistencial, a universidade mantém o Centro de Saúde Campus Samambaia, unidade voltada ao atendimento da comunidade acadêmica e referência para práticas formativas em saúde. No entanto, esse serviço enfrenta limitações que comprometem o atendimento integral às demandas de saúde, em especial de estudantes em situação de vulnerabilidade social. Essa situação reforça a importância de estratégias inovadoras de comunicação e saúde digital, que envolvam os estudantes ingressantes por ações afirmativas, complementem o cuidado, apoiem a prevenção, fortaleçam vínculos com a rede SUS e ampliem o alcance das ações de promoção da saúde dentro da universidade.

Do ponto de vista das políticas públicas, a proposta, assim como as ações já realizadas pela UFG, dialoga diretamente com políticas nacionais orientadas à equidade no SUS como a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (BRASIL, 2017); Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (BRASIL, 2013); Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (BRASIL, 2018); Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2010); e a Política Nacional de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2012). Somam-se a elas a PNIIS (BRASIL, 2016) e a Estratégia de Saúde Digital 2020–2028 (EDS) (BRASIL, 2020), que reforçam a necessidade de estratégias interseccionais e inovadoras articulando serviços de saúde, universidades e movimentos sociais.

Em relação à ESD, entre as sete prioridades para implementação da visão de saúde digital, destaca-se a prioridade 5 (formação e capacitação de recursos humanos). A UFG, hoje, conta com o curso de graduação em Gestão de Saúde Digital, no Campus Cidade Ocidental, e, por meio de integração entre cursos da área da saúde, oferece a disciplina “Saúde Digital” (optativa para alguns cursos e obrigatória para outros). Tais iniciativas demonstram o interesse institucional na formação de discentes para atuarem na área, essencial para promover acesso irrestrito aos serviços do SUS.

Outra informação relevante é a forte inserção da UFG em movimentos sociais e populares, expressa em projetos de extensão e pesquisa em Saúde Coletiva, Saúde Bucal, Psicologia, Enfermagem e outras. Essas iniciativas atuam em parceria com coletivos negros — como a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) em Goiás —, com associações quilombolas (incluindo o Coletivo de Mulheres Quilombolas do estado) e com organizações LGBTQIA+. Também se ancoram em territórios concretos, como os quilombos Kalunga (região de Cavalcante) e Vargem Grande/Muquém

(Niquelândia). Essa articulação fortalece a perspectiva interseccional, enfrentando simultaneamente desigualdades de raça, gênero, classe, sexualidade e deficiência. Ao mesmo tempo, cria espaço para estratégias comunicacionais inovadoras, como campanhas comunitárias, produção de materiais educativos e uso de mídias digitais, capazes de potencializar a educação popular em saúde e responder às demandas concretas dos territórios e dos serviços do SUS (Cruz et al., 2024).

A universidade também desenvolve iniciativas que integram ensino, serviço e comunidade, em convênios com Secretarias Municipais e Estadual de Saúde e de Educação, inserindo estudantes em Unidades Básicas de Saúde e serviços especializados. Essas experiências têm permitido o enfrentamento de desafios que vão da atenção básica a questões emergentes, como a saúde mental de populações vulnerabilizadas. Quando articuladas às práticas de comunicação em saúde, tais inserções tornam-se ainda mais potentes, pois, além de contribuir com os serviços locais, ampliam a circulação de informações acessíveis, favorecem a construção de narrativas comunitárias e estimulam o uso de recursos digitais para fortalecer vínculos e promover a saúde com equidade.

Diante desse contexto, a UFG revela terreno fértil para consolidar propostas que aliem inclusão social e inovação comunicacional. A instituição possui política consolidada de ações afirmativas, experiência prática em territórios tradicionais, articulação com movimentos sociais, práticas interculturais e interprofissionais e estratégias de integração ensino–serviço–comunidade. O desafio é ampliar essas experiências sob a ótica da comunicação e inovação em saúde, em consonância com as políticas vigentes, para fortalecer a permanência estudantil, promover a saúde como direito e enfrentar vulnerabilidades sociais que atravessam a vida dos estudantes e das comunidades em diálogo com a universidade.

9. Objetivos geral e específicos da proposta

9.1. Geral

Fortalecer a permanência e o êxito acadêmico de estudantes da saúde ingressantes por ações afirmativas na UFG, por meio de estratégias inovadoras de comunicação em saúde articuladas à diversidade, à interseccionalidade, promovendo inclusão, acessibilidade, equidade e transformação social.

9.2. Específicos

Eixo 1 – Diversidade, interseccionalidade e enfrentamento das iniquidades

- Objetivo 1 (E1+E5): Desenvolver processos formativos interdisciplinares sobre diversidade, interseccionalidade e saúde, utilizando metodologias inovadoras de comunicação em saúde digital para engajar estudantes das ações afirmativas.
- Objetivo 2 (E1+E5): Estruturar uma rede interinstitucional de comunicação e equidade em saúde, voltada a estimular a integração ensino–serviço–comunidade, articulando instituições de ensino, serviços do SUS, movimentos sociais e territórios tradicionais, para fortalecer a participação social, valorizar saberes locais e enfrentar iniquidades em saúde.
- Objetivo 3 (E1+E5): Implantar ações de promoção da saúde mental com estudantes de ações afirmativas, incorporando estratégias de comunicação em saúde digital para prevenção, cuidado integral e apoio psicossocial.

Eixo 5 – Comunicação e inovação em saúde

- Objetivo 4 (E5): Criar e disseminar conteúdos comunicacionais inovadores (multimídia, multiplataforma, acessíveis) que promovam letramento em saúde digital, enfrentem *fake news* e fortaleçam vínculos comunitários.
- Objetivo 5 (E1+E5): Ampliar a articulação com movimentos sociais, serviços de saúde e territórios tradicionais, utilizando práticas comunicacionais colaborativas para valorizar saberes locais e enfrentar iniquidades.
- Objetivo 6 (E1+E5): Contribuir para a redução da evasão acadêmica de estudantes de ações afirmativas por meio de projetos em Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) aplicados à saúde, com monitoramento e divulgação científica em formatos acessíveis.

10. Metas previstas

10.1. Objetivo 1: Desenvolver processos formativos interseccionais e interdisciplinares voltados à diversidade

- Realizar um levantamento participativo com estudantes ingressantes por ações afirmativas para identificar necessidades formativas, temas prioritários e barreiras comunicacionais enfrentadas no ambiente acadêmico e nos serviços de saúde.

- Ofertar um curso com 10 oficinas formativas, híbridas, fundamentadas na educação popular, com foco em diversidade, comunicação inclusiva e letramento em saúde digital, cujas temáticas serão definidas a partir de diagnóstico participativo junto aos estudantes e incluirão tópicos como: Oficina de LIBRAS; Produção áudio-visual para a saúde; Promoção da saúde e participação social; Promoção da saúde, direitos humanos e cultura da paz; Promoção da saúde mental, arte e cultura; Promoção da saúde na perspectiva da diversidade sexual; Promoção da saúde na perspectiva étnico-racial; Saberes tradicionais, comunitários e populares na promoção da saúde e; Promoção da saúde, ciência e cidadania.
- Formar, no mínimo, 200 estudantes das ações afirmativas da UFG como Facilitadores da Comunicação e Equidade em Saúde para atuar nos temas de LIBRAS, participação social, direitos humanos, saúde mental, diversidade sexual e de gênero, relações étnico-raciais, saberes tradicionais e ciência e cidadania.
- Produzir de forma participativa um e-book multimídia reunindo materiais pedagógicos e experiências inovadoras sobre comunicação, inclusão e equidade no ensino superior.
- Elaborar e submeter um artigo científico sobre metodologias inovadoras em educação popular, comunicação em saúde e equidade.

10.2. Objetivo 2: Estruturar uma rede interinstitucional para a integração ensino-serviço-comunidade

- Criar a disciplina de Núcleo Livre, teórico-prática e interdisciplinar, intitulada “Comunicação em Saúde e Diversidade”, incorporando práticas formativas no diálogo entre universidade, serviços de saúde e comunidade.
- Elaborar um projeto de extensão voltado para intervenção em saúde nos territórios, com participação de grupos de aprendizagem interprofissionais com participação de estudantes das ações afirmativas, docentes, profissionais do SUS e lideranças comunitárias.
- Realizar 8 ações de promoção da saúde, voltadas para os usuários e profissionais do SUS, em parceria com Unidades Básicas de Saúde, lideranças comunitárias e movimentos sociais, cobrindo demandas reais do território e dos temas sobre participação social, direitos humanos e cultura da paz, saúde mental, diversidade sexual e de gênero, relações étnico-raciais, saberes tradicionais, comunitários e populares, ciência e cidadania e saúde digital.

- Estimular 100% de estudantes ingressantes de ações afirmativas para que tenham participação ativa em conselhos e conferências de saúde.
- Realizar pelo menos 4 oficinas de capacitação para equipes de saúde da rede SUS (UBS, RAPS e outros serviços parceiros), abordando temas do projeto, com foco em letramento digital, formação em LIBRAS, produção de protocolos inclusivos de comunicação em saúde, estratégias de participação social e equidade.
- Produzir um relatório anual de avaliação participativa, sistematizando as ações realizadas de forma integradas e a partir da escuta qualificada de estudantes, serviços de saúde e comunidades.
- Elaborar e submeter um artigo de relato de experiência sobre Impactos do uso de mídias digitais na integração ensino-serviço-comunidade.
- Realizar um seminário final híbrido, com produção de anais digitais, para apresentação dos resultados e experiências com os serviços de saúde e comunidade, bem como de propostas institucionais para comunicação em saúde e fortalecimento da permanência estudantil.

10.3. Objetivo 3 : Implantar ações de promoção da saúde mental e de apoio psicossocial

- Realizar 4 rodas de conversa, híbridas, sobre saúde mental e permanência estudantil e diversidade, articulando os estudantes de ações afirmativas, representantes serviços de saúde, PRAE, Secretaria de Inclusão (SIN), Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e Comissão de Saúde da UFG, integrando docentes, estudantes e profissionais do SUS, alinhadas às diretrizes da Universidade Promotora da Saúde.
- Criar e institucionalizar um fluxo de atendimento e encaminhamento de estudantes com necessidades de acompanhamento profissional para serviço de saúde mental, em articulação com o programa Saudavelmente (PRAE).
- Estabelecer parceria formal com pelo menos um serviço da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) de Goiânia, visando a construção de fluxos de encaminhamento e o atendimento qualificado de estudantes das ações afirmativas com demandas em saúde mental, em articulação com a PRAE/Saudavelmente e Comissão de Saúde.

- Produzir e divulgar um material específico para o cuidado em saúde mental (vídeos curtos, guias e podcasts especiais), numa perspectiva interseccional, voltado a estudantes, em especial os participantes das ações afirmativas.

10.4. Objetivo 4: Criar e disseminar, de forma participativa, conteúdos comunicacionais inovadores sobre saúde

- Criar o Laboratório de Comunicação e Saúde, responsável pela produção de materiais digitais, recursos educativos para saúde e estratégias de engajamento comunitário.
- Criar o Podcast “Conexão Afirmativa” com 8 episódios multiplataforma (áudio, vídeo, versão em Libras e legendada), protagonizado por estudantes das ações afirmativas, tutores, serviços de saúde, movimentos sociais e parceiros sobre temas levantados pelos estudantes e de outros temas como: participação social, direitos humanos e cultura da paz, saúde mental, diversidade sexual e de gênero, relações étnico-raciais, saberes tradicionais, comunitários e populares, ciência e cidadania e saúde digital.
- Desenvolver 8 campanhas com temas levantados pelos estudantes e de outros temas como: participação social, direitos humanos e cultura da paz, saúde mental, diversidade sexual e de gênero, relações étnico-raciais, saberes tradicionais, comunitários e populares, ciência e cidadania e saúde digital para circulação na Rádio UFG, TV UFG, redes sociais e murais digitais da UFG e espaços comunitários.
- Elaborar kits educativos multimídia para grupos vulnerabilizados (cartilhas, podcasts, materiais em áudio e vídeo e etc.), alinhados aos temas de participação social, direitos humanos e cultura da paz, saúde mental, diversidade sexual e de gênero, ciência e cidadania e saúde digital.
- Implantar uma plataforma digital colaborativa e acessível, concebida como repositório de inovação em saúde, para reunir e divulgar todos os materiais produzidos pelo projeto (e-books, podcasts, vídeos, campanhas, kits educativos), além de conteúdos compartilhados por estudantes, movimentos sociais e serviços parceiros, fortalecendo a circulação de saberes, a acessibilidade e o engajamento comunitário.

- Criar e manter perfis no Instagram e TikTok com produção de conteúdo em formatos acessíveis (vídeos curtos, cards em linguagem simples, conteúdos em Libras) para divulgação de informações sobre saúde, ações do projeto e engajamento das comunidades interna e externa à UFG.

-

10.5. Objetivo 5: Ampliar a articulação com movimentos sociais, serviços de saúde e o território

- Formalizar 5 parcerias institucionais com rádios comunitárias, associações quilombolas, coletivos negros, organizações LGBTQIA+, associação de pessoas surdas, secretarias de saúde, escolas de governo, coletivos de comunicação e etc.
- Realizar 5 reuniões de articulação intersetorial com movimentos sociais e gestores do SUS, voltados para a participação ativa no projeto.
- Garantir, pelo menos, um representante do serviço de saúde e dos movimentos sociais em cada atividade do projeto (oficinas, e-book, guias, relatórios, podcasts, campanhas, encontros, ações do projeto de intervenção e seminário).

10.6. Objetivo 6: Contribuir para a redução da evasão e para o êxito acadêmico de estudantes de ações afirmativas

- Monitorar, de forma sistemática, indicadores de evasão e retenção nos cursos da saúde da UFG, com recorte para estudantes de ações afirmativas.
- Elaborar 2 relatórios multimídia de monitoramento sobre desempenho acadêmico de estudantes de ações afirmativas participantes, com recomendações para políticas de permanência estudantil.
- Produzir um artigo científico sobre a influência de estratégias inovadoras de comunicação em saúde no desempenho acadêmico de estudantes participantes de ações afirmativas.

11. Atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura a serem desenvolvidas na execução do projeto.

Todas as ações propostas serão realizadas de modo a assegurar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão e cultura. O projeto parte do reconhecimento de que processos



formativos, quando articulados às práticas extensionistas, à produção de conhecimento e à valorização da diversidade cultural, tornam-se mais potentes e capazes de promover a superação dos desafios enfrentados pelos estudantes de ações afirmativas.

No campo do ensino, as atividades se concretizarão por meio da formalização de um Projeto de Ensino, no qual se insere a disciplina “Comunicação em Saúde e Diversidade” e a realização das oficinas formativas que utilizam metodologias da Educação Popular em Saúde e da Saúde Digital. Essas experiências pedagógicas permitirão que estudantes de diferentes cursos desenvolvam competências críticas e interdisciplinares em comunicação inclusiva e inovação digital no campo da saúde. Além disso, a formação de facilitadores e a produção de materiais didáticos, como e-books multimídia e kits educativos, reforçam o compromisso com processos pedagógicos inovadores. Contudo, tais práticas não se restringem à sala de aula, pois serão vivenciadas em articulação com serviços do SUS e territórios comunitários, transformando o processo formativo em espaço de extensão e participação social.

No âmbito da extensão, será desenvolvido um Projeto de Extensão que envolve a realização de ações de intervenção nos territórios, em parceria com movimentos sociais, coletivos populares e serviços de saúde. Estão previstas, também, rodas de conversa sobre saúde mental, campanhas transmídia em rádios comunitárias, redes sociais e TV universitária, além da implantação de uma plataforma digital colaborativa e acessível para reunir e divulgar os materiais produzidos. Essas atividades permitirão o contato direto da universidade com os estudantes de ações afirmativas e as comunidades historicamente vulnerabilizadas, fortalecendo a interculturalidade, a interprofissionalidade e a valorização de saberes locais.

Já a pesquisa será consolidada por meio da formalização de um Projeto de Pesquisa, que sistematizará e analisará os resultados alcançados em todas as atividades. Esse projeto contemplará desde o levantamento participativo das necessidades formativas dos estudantes de ações afirmativas até a avaliação do impacto das oficinas, campanhas e materiais comunicacionais. Serão produzidos relatórios de monitoramento sobre evasão e permanência acadêmica, artigos científicos e anais digitais do seminário final, garantindo a difusão das experiências e a construção de evidências sobre comunicação em saúde, equidade e permanência estudantil. Dessa forma, o projeto gerará conhecimento replicável que poderá subsidiar políticas da UFG, bem como políticas públicas para a saúde. Além disso, estão previstas apresentações de trabalhos pelas equipes em eventos científicos e técnico-extensionistas (mostras, jornadas, congressos regionais/nacionais), com submissão

de resumos, pôsteres e comunicações orais derivados das oficinas, intervenções, protocolos e produtos comunicacionais.

A cultura, por sua vez, atravessa todas essas três dimensões. A valorização dos saberes tradicionais, das narrativas comunitárias, das práticas artísticas e das múltiplas linguagens de comunicação vai assegurar que as ações não sejam apenas técnicas, mas também culturalmente relevantes.

Assim, a articulação entre os Projetos de Ensino, Pesquisa e Extensão garantirá institucionalidade e sustentabilidade às metas propostas. Cada atividade planejada (disciplina, oficinas, rodas de conversa, ações comunitárias, produção de conteúdos digitais, relatórios e artigos científicos) constituirá um espaço de integração entre formação acadêmica, intervenção social, produção de conhecimento e valorização cultural, consolidando o papel da universidade na promoção da equidade no SUS e no fortalecimento da permanência estudantil dos estudantes participantes das ações afirmativas.

12. Indicadores de monitoramento e avaliação (considerar os compromissos obrigatórios e as atividades propostas para alcance dos objetivos);

Serão utilizados indicadores específicos para cada eixo, permitindo monitorar a execução das atividades, a participação de grupos vulnerabilizados, o alcance das ações e a produção de conhecimento. Além de responder às desigualdades sociais e educacionais, a proposta se ancora em princípios de sustentabilidade, ao priorizar o uso de plataformas digitais, reduzir a dependência de materiais impressos e assegurar acessibilidade comunicacional. Dessa forma, alia a inovação em saúde digital à preservação ambiental e à inclusão social, ampliando o alcance e a efetividade das ações.

Esses indicadores garantirão resultados mensuráveis, replicáveis e capazes de orientar ajustes contínuos do projeto.

Os indicadores por objetivo e metas serão:

Objetivo 1 – Desenvolver processos formativos críticos e interseccionais

- Realizar 10 oficinas formativas sobre diversidade, interseccionalidade, comunicação inclusiva e saúde digital.

Indicadores: nº de oficinas realizadas, nº de participantes, taxa de conclusão das oficinas, avaliação de satisfação; nº de territórios representados nas oficinas

(diversidade territorial dos estudantes participantes como quilombolas, indígenas, pessoas trans, etc.).

Entrega prevista: ≥ 10 oficinas; ≥ 200 estudantes participantes; ≥ 90% de concluintes das oficinas; ≥ 5 territórios representados; ≥ 70% de satisfação.

- Formar 200 estudantes de ações afirmativas como Facilitadores da Comunicação e Equidade em Saúde.

Indicadores: nº de estudantes certificados.

Entrega prevista: ≥ 200 certificados emitidos.

- Produzir e disponibilizar 1 e-book multimídia.

Indicadores: publicação e nº de acessos.

Entrega prevista: ≥ 500 acessos.

- Produzir 1 artigo científico sobre metodologias inovadoras.

Indicadores: submissão/publicação.

Entrega prevista: ≥ 1 artigo submetido.

Objetivo 2 – Estruturar uma rede interinstitucional para a integração ensino-serviço-comunidade

- Criar a disciplina de Núcleo Livre “Comunicação em Saúde e Diversidade”.

Indicadores: disciplina registrada no SIGAA e ofertada.

Entrega prevista: ≥ 1 disciplina criada e ofertada.

- Elaborar 1 Projeto de Extensão com participação de estudantes, SUS e comunidade.

Indicadores: projeto elaborado e validado.

Entrega prevista: ≥ 1 projeto implementado.

- Realizar 8 ações de promoção da saúde em UBS e territórios.

Indicadores: nº de ações realizadas; nº de territórios tradicionais contemplados com ações; nº de participantes.

Entrega prevista: ≥ 8 ações; ≥ 5 territórios contemplados; ≥ 100 participantes.

- Estimular 100% de estudantes ingressantes de ações afirmativas para que tenham participação ativa em conselhos e conferências de saúde.

Indicador: Número de estudantes indígenas e quilombolas participantes em instâncias de controle social e eventos relacionados

- Realizar pelo menos 4 oficinas de capacitação para equipes de saúde da rede SUS (UBS, RAPS e outros serviços parceiros), abordando temas do projeto, com foco em

letramento digital, formação em LIBRAS, produção de protocolos inclusivos de comunicação em saúde, estratégias de participação social e equidade.

Indicadores: nº de oficinas realizadas; nº de profissionais capacitados; nº de materiais e protocolos produzidos.

Entrega prevista: ≥ 4 oficinas realizadas; ≥ 120 profissionais capacitados; ≥ 4 materiais/protocolos produzidos de apoio para os serviços de saúde.

- Produzir 1 relatório anual de avaliação participativa.

Indicadores: relatórios publicados e divulgados.

Entrega prevista: ≥ 2 relatórios (1 por ano).

- Produzir 1 artigo de relato de experiência.

Indicadores: submissão/publicação.

Entrega prevista: ≥ 1 artigo submetido.

Objetivo 3 – Desenvolver estratégias de promoção da saúde mental e apoio psicossocial

- Realizar 4 rodas de conversa sobre saúde mental e permanência estudantil.

Indicadores: nº de rodas realizadas; nº de participantes.

Entrega prevista: ≥ 4 rodas; ≥ 100 estudantes participantes.

- Criar fluxo de encaminhamento para o Saudavelmente (PRAE).

Indicadores: fluxo formalizado; nº de encaminhamentos realizados.

Entrega prevista: ≥ 1 fluxo oficial; ≥ 50 encaminhamentos.

- Estabelecer parceria formal com pelo menos 1 serviço da RAPS de Goiânia.

Indicadores: termo de parceria assinado.

Entrega prevista: ≥ 1 parceria oficializada.

- Produzir e divulgar materiais digitais sobre saúde mental (vídeos, guias, podcasts).

Indicadores: nº de materiais produzidos; nº de acessos.

Entrega prevista: ≥ 5 materiais; ≥ 500 acessos.

Objetivo 4 – Produzir e disseminar conteúdos comunicacionais inovadores

- Criar o Laboratório de Comunicação e Saúde.

Indicadores: laboratório criado e ativo.

Entrega prevista: ≥ 1 laboratório implementado.

- Criar o Podcast “*Conexão Afirmativa*” com 8 episódios multiplataforma.
Indicadores: nº de episódios publicados.
Entrega prevista: ≥ 8 episódios publicados.
- Criar e manter perfis no Instagram e TikTok com postagens semanais.
Indicadores: nº de postagens; engajamento digital (curtidas, comentários, compartilhamentos).
Entrega prevista: ≥ 52 postagens/ano; ≥ 10% taxa de engajamento.
- Desenvolver 8 campanhas transmídia em redes sociais, rádio UFG e murais digitais.
Indicadores: nº de campanhas produzidas; alcance total.
Entrega prevista: ≥ 8 campanhas; ≥ 1.000 pessoas alcançadas.
- Elaborar kits educativos multimídia adaptados a grupos vulnerabilizados.
Indicadores: nº de kits distribuídos/acessados.
Entrega prevista: ≥ 500 kits.
- Implantar plataforma digital colaborativa e acessível.
Indicadores: plataforma criada; nº de usuários ativos.
Entrega prevista: ≥ 200 usuários ativos/mês.

Objetivo 5 – Ampliar a articulação com movimentos sociais e territórios tradicionais

- Formalizar 5 parcerias institucionais (quilombolas, coletivos negros, LGBTQIA+, surdos, secretarias de saúde, rádios comunitárias).
Indicadores: nº de parcerias firmadas.
Entrega prevista: ≥ 5 parcerias formalizadas.
- Promover 5 reuniões intersetoriais com movimentos sociais e gestores do SUS.
Indicadores: nº de encontros realizados; nº de participantes.
Entrega prevista: ≥ 5 encontros; ≥ 100 participantes.
- Garantir participação de 1 representante comunitário em cada atividade do projeto.
Indicadores: % de atividades com representação comunitária registrada.
Entrega prevista: ≥ 90% das atividades com representantes comunitários.

Objetivo 6 – Monitorar evasão e fortalecer o êxito acadêmico

- Acompanhar indicadores de evasão, retenção e desempenho acadêmico.
Indicadores: relatórios de acompanhamento semestral.
Entrega prevista: ≥ 4 relatórios (2 por ano).

- Elaborar 2 relatórios multimídia de monitoramento.
Indicadores: relatórios produzidos e divulgados.
Entrega prevista: ≥ 2 relatórios multimídia.
- Produzir 1 artigo científico sobre comunicação inovadora e desempenho acadêmico.
Indicadores: submissão/publicação.
Entrega prevista: ≥ 1 artigo submetido.

13. Estratégias de integração entre ensino-serviço e comunidade;

O projeto desenvolverá estratégias concretas de aproximação entre a universidade, os serviços do SUS e as comunidades, garantindo que todas as ações estejam orientadas pelas necessidades reais dos territórios e pela participação social. Para isso, será realizado um diagnóstico participativo junto a estudantes de ações afirmativas, profissionais de saúde e lideranças comunitárias, de modo a identificar prioridades formativas e demandas locais em saúde. A partir desse processo, serão organizadas oficinas formativas, rodas de conversa e grupos de aprendizagem interprofissionais que utilizarão metodologias da Educação Popular e recursos de saúde digital, criando espaços colaborativos de construção de conhecimento.

As ações previstas também incluem a realização de intervenções em Unidades Básicas de Saúde e territórios, por meio de projetos de extensão e práticas integradas, que colocarão estudantes e profissionais do SUS lado a lado na promoção da saúde, na produção de materiais educativos e no enfrentamento das desigualdades. A integração será fortalecida pela articulação com movimentos sociais, rádios comunitárias e coletivos populares, que terão participação ativa na definição de conteúdos, na disseminação de informações e na avaliação das ações.

Além disso, o projeto fortalecerá as parcerias já firmadas com as secretarias municipais e estadual de saúde, núcleos de educação, movimento negro e de mulheres quilombolas. Buscará, também, estabelecer parcerias institucionais com os serviços da Rede de Atenção Psicossocial e outros movimentos sociais, assegurando que a universidade contribua diretamente para o fortalecimento da rede pública. A circulação dos produtos criados (e-books, podcasts, campanhas transmídia e plataforma digital colaborativa) permitirá que os resultados cheguem não apenas à comunidade acadêmica, mas também a profissionais e usuários dos serviços de saúde, ampliando a integração e promovendo a transformação social.

As estratégias previstas contarão com o acompanhamento formal da Comissão de Saúde da UFG e com o alinhamento ao programa Universidade Promotora da Saúde, garantindo que a articulação com movimentos sociais não se restrinja a ações pontuais, mas esteja integrada às instâncias institucionais da universidade, favorecendo continuidade e sustentabilidade das parcerias.

Dessa forma, as estratégias de integração ensino–serviço–comunidade se concretizarão pela vivência compartilhada entre estudantes, profissionais e comunidades, que constroem conjuntamente soluções inovadoras para a promoção da saúde, a equidade e a permanência estudantil.

14. Estratégias de articulação do projeto com ações: interculturais, interprofissionais, interseccional, de educação permanente em saúde, de educação popular em saúde para o SUS.

Com a criação de uma Rede Interinstitucional de Comunicação e Equidade em Saúde, composta por universidade, serviços do SUS, movimentos sociais e territórios tradicionais, o presente projeto pretende transversalizar todas as estratégias de articulação entre os diferentes atores. Essa rede funcionará como espaço permanente de diálogo e coconstrução, assegurando que todas as ações sejam coletivas, legitimadas e socialmente referenciadas.

A dimensão intercultural será materializada por meio da participação de comunidades quilombolas, indígenas e ribeirinhas já parceiras da UFG, que atuarão na construção de conteúdos comunicacionais adaptados aos seus contextos. Produtos como campanhas transmídia, kits educativos multimídia e materiais impressos serão cocriados com essas comunidades, valorizando saberes tradicionais e fortalecendo vínculos comunitários.

A dimensão interprofissional se concretizará com a atuação dos grupos de aprendizagem que integrarão estudantes de diferentes cursos da saúde, docentes, profissionais do SUS e lideranças comunitárias. Esses grupos desenvolverão oficinas, protocolos de comunicação inclusiva, o projeto de extensão em territórios e ações conjuntas de promoção da saúde, estimulando práticas colaborativas e a produção de conhecimento aplicado.

A perspectiva interseccional atravessará todas as ações, garantindo que o podcast *Conexão Afirmativa*, o e-book multimídia, as campanhas digitais e as rodas de conversa sobre saúde mental deem visibilidade às experiências de estudantes e comunidades negras, indígenas, quilombolas, pessoas trans, pessoas com deficiência, surdas e de baixa

renda. Essa abordagem permitirá enfrentar barreiras estruturais e promover a inclusão de diferentes marcadores sociais da diferença como eixo de transformação.

As ações de educação permanente em saúde incluirão oficinas de capacitação de equipes do SUS (UBS, RAPS e outros serviços), com foco em comunicação inclusiva, letramento digital, Libras e estratégias de acolhimento. Os profissionais também terão acesso a protocolos e materiais pedagógicos gerados pelo projeto, fortalecendo a qualificação da prática assistencial.

Já a educação popular em saúde será consolidada por meio de metodologias participativas em oficinas, rodas de conversa e campanhas comunitárias. Os kits educativos multimídia, a plataforma digital colaborativa e os canais de redes sociais do projeto ampliarão a circulação de informações em saúde em formatos acessíveis e próximos às linguagens populares, incentivando a autonomia e a mobilização social.

Com esse conjunto de estratégias, a articulação intercultural, interprofissional, interseccional, de educação permanente e de educação popular não será apenas um eixo teórico, mas se materializará em produtos concretos e coletivos, legitimados pela rede: oficinas, protocolos, podcasts, campanhas, kits, e-book, artigos científicos e a plataforma digital colaborativa. Dessa forma, o projeto deixará legados para a UFG, para os serviços do SUS e para os movimentos sociais, reafirmando seu compromisso com a diversidade, a comunicação inovadora e a equidade em saúde.

15. Estratégias de articulação com os movimentos sociais e populares nas atividades do projeto:

A articulação com os movimentos sociais e populares constitui o diferencial estratégico deste projeto, pois garante que diversidade, comunicação e inovação não sejam apenas conceitos, mas práticas concretas, construídas de forma coletiva e transformadora. A presente proposta reconhece que quilombolas, povos indígenas, movimentos negros, grupos LGBTQIA+, associações de pessoas com deficiência e coletivos culturais e comunitários são protagonistas na defesa do SUS e na criação de estratégias de resistência e cuidado que historicamente sustentam as lutas por equidade em saúde.

A articulação com os movimentos sociais e populares será materializada na criação da Rede Interinstitucional de Comunicação e Equidade em Saúde, meta importante deste projeto. Essa rede integrará a UFG, serviços do SUS, movimentos sociais e territórios

tradicionais, configurando-se como espaço permanente de diálogo, coprodução de conhecimento e inovação em comunicação em saúde voltada à diversidade.

Dessa forma, o projeto não se limitará a convidar esses atores, pois ele os busca incorporá-los como coprodutores do conhecimento e da inovação em comunicação em saúde. Em todas as etapas (da definição de prioridades às oficinas formativas, campanhas digitais, podcasts, protocolos e materiais educativos) os movimentos sociais terão voz ativa, assegurando que os conteúdos reflitam seus saberes, suas demandas e suas linguagens. Essa abordagem garante que a informação em saúde seja culturalmente situada, acessível e potente para enfrentar tanto a desinformação quanto às desigualdades estruturais.

A inovação se materializa não apenas pelo uso de ferramentas digitais e multimidiáticas (plataforma colaborativa, podcasts multiplataforma, kits educativos digitais e impressos, campanhas transmídia), mas sobretudo pela forma como essas tecnologias serão apropriadas pelos próprios movimentos sociais, ampliando sua capacidade de comunicação, incidência política e fortalecimento comunitário.

Com isso, a UFG reafirma seu papel histórico de universidade pública comprometida com a transformação social, colocando sua infraestrutura acadêmica e científica a serviço das populações vulnerabilizadas. Essa parceria ativa com os movimentos sociais assegura legitimidade, sustentabilidade e impacto para além dos muros da universidade, consolidando este projeto como referência nacional em diversidade, inovação e comunicação em saúde para a equidade.

16. Resultados esperados:

Espera-se com o presente projeto o(a):

- Redução da evasão e ampliação do êxito acadêmico de estudantes negros, indígenas, quilombolas, pessoas trans, pessoas com deficiência e de baixa renda por meio de ações integradas de apoio psicossocial e comunicação inclusiva.
- Promoção do protagonismo estudantil, especialmente dos ingressantes por ações afirmativas, como estratégia de cuidado, inclusão e permanência na universidade.
- Fortalecimento da integração ensino-serviço-comunidade, com base em práticas comunicacionais inovadoras e na articulação de uma rede interinstitucional voltada à equidade em saúde.



- Difusão de práticas de letramento em saúde digital, fortalecendo o enfrentamento às fake news, a democratização da informação em saúde e a participação social no SUS.
- Valorização de territórios tradicionais e movimentos sociais, por meio da produção colaborativa de conteúdos, protocolos e campanhas que dialoguem com saberes locais e comunitários.
- Reorientação da formação em saúde na UFG, incorporando diversidade, interseccionalidade e inovação em comunicação como dimensões estruturantes do cuidado e da produção de conhecimento.
- Criação de espaços formativos inovadores, como disciplina de Núcleo Livre e laboratório de comunicação em saúde, garantindo a sustentabilidade das ações para além do tempo do projeto e que populações em territórios de baixa cobertura tenham acesso a conteúdos confiáveis, culturalmente adaptados e produzidos de forma sustentável.
- Fortalecimento do papel da UFG como Universidade Promotora da Saúde, com articulação direta à Comissão de Saúde da instituição, consolidando práticas inovadoras em comunicação e equidade em saúde e ampliando o impacto do AfirmaSUS na política institucional.

Eixo(s) Temático(s) selecionado(s):

(X) Estratégias de educação para promoção da diversidade e enfrentamento às iniquidades e assimetrias com abordagem interseccional no SUS;

() Fortalecimento das estratégias para ampliação do acesso aos serviços de saúde e para promoção do cuidado;

() Ações de cuidado à saúde mental com ênfase em grupos socialmente vulnerabilizados;

() Valorização dos territórios tradicionais e originários no fortalecimento da participação social no SUS; e

(X) Estratégias de inovação e comunicação em saúde para o cuidado de populações vulnerabilizadas socialmente no SUS.



ASSINATURAS

Pró-Reitor(a) de Ações Afirmativas ou Responsável por Órgão Equivalente

Responsável pela Inscrição e Andamento da Proposta